

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

Eduarda Paula da Silva

A potência do afeto na relação entre bebês e educadoras: uma experiência a partir do Pibid

Juiz de Fora

2022

Eduarda Paula da Silva

A potência do afeto na relação entre bebês e educadoras: uma experiência a partir do Pibid

Trabalho de Conclusão de Curso para o Curso de Pedagogia como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharelado e Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Prof^a Núbia Aparecida Schaper Santos

Juiz de Fora
2022

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discutir a importância do afeto na relação entre bebês e educadoras no cotidiano das creches, a partir de uma experiência no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), desenvolvida entre 2018 e 2019. Busca ainda examinar as contribuições da afetividade, em especial do contato corporal, para o desenvolvimento dos pequenos, além de compreender como eles se comunicam com as educadoras e com seus pares através do gesto. O contato corporal é visto como a primeira forma de interação, comunicação e conhecimento de si e do outro, sendo extremamente importante para o desenvolvimento completo (físico, psíquico, afetivo e motor) dos bebês. Diversas pesquisas na área do desenvolvimento infantil chegaram à conclusão de que os bebês que recebem afeto desenvolvem uma vida emocional mais saudável do que aqueles que são privados do contato físico. O toque físico ajuda a aliviar dores, depressão, ansiedade, diminuir os hormônios do estresse e libera endorfinas no nosso corpo, especialmente a dopamina, que é encarregada de causar bem-estar geral e sentimentos de felicidade, conforme indicam estudos da área da Psicologia, Medicina e Neurociência. Além disso, a afetividade possibilita o ingresso do ser humano no campo da linguagem. Quando consideramos as creches como espaços de encontros, construção de vínculos, processo de subjetividade, afetos, liberdade e expressão, entendemos que as educadoras precisam ser responsivas em relação às necessidades dos bebês e mais intencionais ao se expressarem através do toque físico.

Palavras-chave: Afeto. Bebês. Docência. Creche.

Sumário

INTRODUÇÃO	5
1. REVISÃO TEÓRICA	10
2. REFLEXÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA EM UMA CRECHE CONVENIADA DO MUNICÍPIO DE JUIZ DE FORA	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	25

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo discutir a importância do afeto na relação entre bebês e educadoras no cotidiano das creches, a partir de uma experiência no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), desenvolvida entre 2018 e 2019. Busca ainda examinar as contribuições da afetividade, em especial do contato corporal, para o desenvolvimento dos pequenos, e compreender como eles se comunicam com as educadoras e com seus pares através do gesto. Além disso, procura refletir sobre o papel responsivo das educadoras em relação às necessidades dos bebês e a considerar o contato físico com maior intencionalidade, com vistas a propiciar a constituição subjetiva (psíquica) dos bebês. Vale ressaltar que aqui refiro-me aos tipos de toque que trazem bem-estar tanto à pessoa que toca quanto àquela que é tocada, sendo realizados com o consentimento de ambas as partes e como uma forma de expressar carinho, afeto e acolhimento.

Esta pesquisa foi dividida em dois momentos. No primeiro momento, analisei estudos sobre o desenvolvimento infantil, buscando esquadriñar as contribuições do contato físico para o desdobramento afetivo e cognitivo dos bebês, ressaltando a importância da comunicação verbal e não verbal entre bebês e educadoras, como ocorrem os cuidados corporais e o vínculo entre bebês e educadoras no contexto das creches. Já no segundo momento, realizei reflexões a partir da minha experiência como bolsista do Pibid em uma creche conveniada do município de Juiz de Fora, localizada em um bairro marcado pela vulnerabilidade social. Como corpus de análise, destaquei algumas notas de campo realizadas durante o período de imersão na referida instituição. As notas revelaram como os contatos corporais afetivos se manifestavam no cotidiano da instituição. Dessa forma, buscarei responder às questões: Em quais momentos da rotina da creche essa relação afetiva se mostrou mais frequente? É possível que as educadoras construam relações de afetividade com os bebês de modo que estas favoreçam o desenvolvimento saudável e bem-estar dos bebês? Como?

No segundo semestre de 2018, iniciamos as atividades do Pibid/Pedagogia na Faculdade de Educação/UFJF. O grupo de trabalho, composto por uma coordenadora, uma supervisora e seis bolsistas de iniciação à docência, começou por estudar textos que refletiam a docência na Educação Infantil e o cotidiano de

creches no Brasil. Discutimos também a importância da entrada na instituição em que realizaríamos o trabalho. Durante esse período, tive a oportunidade de acompanhar a chegada dos bebês, crianças e famílias na instituição, as atividades pedagógicas desenvolvidas, o momento da alimentação, repouso e higiene. Após essa etapa, cada bolsista deveria escolher uma turma para construir, com as educadoras e a partir do interesse dos bebês e crianças, um projeto a ser concretizado por nós, bolsistas, contemplando a concepção do Pibid, de formação inicial à docência.

A partir dos registros do diário de campo, notei, em vários momentos, algumas falas e posturas das educadoras em relação ao contato físico com os bebês da turma. Durante o período de inserção na instituição, por exemplo, era comum que os bebês ficassem no colo das educadoras com maior frequência e sem grandes reclamações por parte delas, uma vez que ainda estavam conhecendo aquele ambiente e precisavam se sentir seguros e acolhidos nele. Porém, após esse primeiro momento, o toque físico se restringia basicamente aos momentos de cuidados corporais, principalmente ao horário do banho, e as educadoras pareciam evitar pegar os bebês quando estes solicitavam, pois tinham a crença de que aqueles que ficavam grande parte do tempo no colo se tornavam “mal-acostumados”.

Outra observação foi que os bebês tinham mais facilidade para se aproximarem de algumas educadoras do que de outras, algo que despertou minha curiosidade desde o início. Minha intenção inicial, ao realizar esse trabalho, era descobrir o porquê dos bebês se dirigirem a certas educadoras com mais frequência. Eles escolhiam as educadoras a quem pediam colo aleatoriamente, simplesmente devido à sua necessidade de receber cuidado, não importava de quem? Eles conseguiam perceber, em algumas educadoras, maior disponibilidade em lhes dar afeto através do contato corporal e, por isso, iam até elas? Ou existia algo da relação estabelecida entre os bebês e tais educadoras que os faziam se sentirem seguros em buscar os braços delas quando precisassem?

Uma vez que os bebês se expressam de outros modos e ainda não dominam a fala, sua principal forma de comunicação com o outro acontece por meio do próprio corpo. Por isso, é necessário que as educadoras estejam constantemente atentas e sensíveis às suas manifestações, que ocorrem através do olhar, de gestos,

de silêncios, de movimentos com o corpo e do toque físico, buscando dar sentido a cada uma delas. Segundo Santos; Santos & Stigert (2022, p. 342):

Por meio de estudos e pesquisas, sabemos que a creche é um dispositivo institucional importante em um país com muitas desigualdades econômicas e sociais e que permite à mulher inserção no mercado de trabalho. Contudo, enfrentamos a necessidade de problematizar a relação cuidar-educar diante do paradoxo que é pensar a constituição subjetiva do sujeito em um espaço coletivo.

O toque é uma forma primária de contato, comunicação e conhecimento de si e do outro, sendo extremamente importante para o desenvolvimento físico e psíquico dos bebês. Por isso, tanto a presença quanto a ausência do contato corporal podem significar muito para a relação entre os bebês e suas educadoras. Diversas pesquisas na área do desenvolvimento infantil chegaram à conclusão de que os bebês que recebem toques afetivos desenvolvem uma vida emocional mais saudável do que aqueles que são privados do contato físico. Os relatos de Ashley Montagu (MONTAGU, 1971 *apud* SILVA & VAZ, 2016), durante o século XX, expõem que muitos bebês morriam em seu primeiro ano de vida, porque viviam em instituições onde não recebiam o toque, o olhar e o acolhimento necessários à sua sobrevivência.

René Spitz, psicanalista, reafirma a importância do afeto, a partir de análise com bebês hospitalizados: “primeiro a identificar, nas condições institucionais, a qualidade dos cuidados como fato essencial, no sentido do investimento da relação, determinante, não apenas da saúde psíquica, como também muito simplesmente da sobrevivência” (Spitz *apud* Crespim, 2016, p. 12). É possível assegurar que a falta de afeto e contato físico pode ser um obstáculo para o desenvolvimento infantil, pois a ausência de toques afetuosos pode levar ao desequilíbrio dos níveis de cortisol, interferindo, entre outras coisas, na liberação do HGH, o hormônio de crescimento. Por outro lado, os contatos afetivos ajudam a aliviar dores, depressão, ansiedade, diminuem os hormônios do estresse e liberam endorfinas no nosso corpo, especialmente a dopamina, que é encarregada de causar bem-estar geral e sentimentos de felicidade (COSTA, 2006).

Por isso, os momentos de cuidados corporais devem ser vistos como possibilidades de contato, afeto e diálogo. Essa orientação aparece nos documentos

oficiais que sustentam as bases das propostas curriculares no campo da Educação Infantil, como é o caso das Diretrizes Curriculares Nacionais (2009) e, recentemente, na Base Nacional Curricular Comum (2017) para a referida área. Entendemos que os horários de alimentação, banho e sono propiciam o diálogo mobilizado pelo corpo e pela fala e a atenção compartilhada entre educadoras e bebês favorece trocas e manifestações afetivas.

Quando pensamos sobre o tempo ao longo da rotina institucional, observamos que os momentos dos cuidados corporais ocupam, no cotidiano das creches, um espaço considerável. Devemos refletir sobre a qualidade deste tempo, a intencionalidade pedagógica e o envolvimento das educadoras com os bebês em tais ocasiões. Quando consideramos as creches como espaços de encontros, afetos, liberdade e expressão, entendemos que as educadoras precisam ser responsivas em relação às necessidades dos bebês e mais intencionais ao se expressarem através do toque físico. Dizemos de responsividade a noção de implicação das educadoras com os bebês no ato de cuidar-educar. Isso significa organizar o ambiente de maneira a promover interações e possibilitar vínculos afetivos.

Diante disso e tendo essas inquietações delineadas como ponto de partida, a pesquisa foi dividida em dois momentos. No primeiro momento, realizei uma revisão bibliográfica, examinando trabalhos de teóricos do desenvolvimento infantil, buscando esquadrihar os benefícios do contato físico para o desdobramento afetivo e cognitivo dos bebês, ressaltando a importância da comunicação verbal e não verbal entre bebês e educadoras, como se dão os cuidados corporais e o vínculo entre bebês e educadoras no contexto das creches. Após uma pesquisa no Google Acadêmico, a partir das palavras-chave “comunicação não verbal”, bebês e afetividade, foram encontrados 1940 trabalhos, sendo que a grande maioria deles relatava sobre a relação mãe-bebê, recém-nascidos no ambiente hospitalar ou bebês e crianças com autismo.

Inicialmente, foram excluídos os trabalhos que apresentavam a questão do autismo e selecionados aqueles que possuíam, entre as palavras-chave, toque, afetividade e creche. Após a leitura de seus resumos, foram selecionados cinco artigos científicos e um trabalho de conclusão de pós-graduação, além dos livros de Altino José Martins Filho (2016), de Léa Tiriba (2018) e da revista Sua Majestade, o Bebê! (WANDERLEY et al., 2020). Já no segundo momento, realizei reflexões a

partir da minha experiência como bolsista do Pibid em uma creche conveniada do município de Juiz de Fora. Analisando algumas notas de campo, as quais demonstraram como os contatos corporais afetivos se manifestavam na rotina da instituição, busquei responder às questões de partida anunciadas no início deste tópico.

A partir desta pesquisa, espero contribuir para repensar as práticas e estimular as educadoras das creches a utilizarem o toque físico como uma forma de comunicação e de fortalecimento de sua relação com os pequenos. Acredito que este trabalho contribuirá para que as educadoras repensem suas práticas, transformando-as na medida em que for necessário e fazendo com que busquem ser cada vez mais responsivas em relação às necessidades dos pequenos.

1. REVISÃO TEÓRICA

Após uma pesquisa no Google Acadêmico, foram selecionados cinco artigos científicos e um trabalho de conclusão de pós-graduação, além dos livros de Altino José Martins Filho (2016), de Léa Tiriba (2018) e da revista Sua Majestade, o Bebê! (WANDERLEY et al., 2020), os quais abordam a comunicação não verbal e a afetividade através do toque físico nos primeiros anos de vida.

Os benefícios do afeto através do toque físico para o desenvolvimento dos bebês

No início de suas vidas, os bebês ainda não são capazes de se diferenciar dos outros e é através do contato físico com as pessoas ao seu redor que a percepção de si e do seu corpo vai se constituindo. A pele é o maior órgão do corpo humano, um dos nossos primeiros meios de comunicação e uma das principais mediadoras entre o ser e o mundo. Dessa forma, ela age como uma fronteira que nos permite estabelecer a diferença entre o que é nosso e o que é do outro, participando da construção da nossa organização e integração psíquica e favorecendo a nossa relação com o meio.

O tato, um dos primeiros sentidos a se desenvolver nos fetos, é considerado a nossa primeira relação de troca e de contato, tendo uma grande importância para a interação socioemocional. Ele é automático nos recém-nascidos, uma vez que começamos a tocar pouco tempo depois de nascer. Assim, é através do tato que a memória registra a nossa própria forma e conseguimos nos diferenciar dos outros. Segundo Machado & Winograd (2007), o tato proporciona um elo na comunicação, à medida em que permite que criemos intimidade e demonstremos afeto por meio dele.

Tendo em vista que o corpo e o funcionamento mental dos bebês caminham juntos, percebemos a importância da afetividade através do contato corporal para o desenvolvimento, tanto físico quanto psíquico, dos pequenos. Entende-se que, quanto mais cedo um sentido se desenvolve, mais importante ele se torna em nossa constituição. Sendo assim, a necessidade de dar e receber toques físicos deve ser atendida para que o bebê tenha um desenvolvimento saudável. Machado &

Winograd (2007, p. 471) mencionam que o toque é essencial para que o sujeito desenvolva seus movimentos e gestos adequadamente e seja apto para se vincular às outras pessoas, uma vez que o ato de tocar representa “uma realização e uma satisfação simbólica da busca de intimidade, aceitação, tranquilização e conforto”. Além disso:

o toque oferecido pelo outro, ao longo da vida, será um dos elementos de reorganização psíquica. Permitirá re-significações do passado, a experiência de sentir-se amado e vivo em sua primeira forma de comunicação e, também, a possibilidade de demonstrar afeto (MACHADO & WINOGRAD, 2007, p. 474).

Buscando comprovar essas afirmações, diversos estudos da área da Psicologia, Medicina e Neurociência chegaram à conclusão de que os bebês que recebem toques afetivos, como beijos, abraços e colo, desenvolvem uma vida emocional mais saudável do que aqueles que são privados do contato físico. De acordo com Ferreira & Callado (2013, p. 115-116), Frédérick Leboyer, autor e médico obstetra, acreditava que:

nos bebês, a pele transcende a tudo. Ser levados, embalados, acariciados, pegos, massageados constitui para os bebês, alimentos tão indispensáveis, senão mais, do que vitaminas, sais minerais e proteínas. Se for privada disto tudo e do cheiro, do calor e da voz que ela conhece tão bem, mesmo cheia de leite, a criança vai-se deixar morrer de fome.

Silva & Vaz (2016) comprovam essa situação ao citarem relatos de Ashley Montagu (1971), antropólogo e humanista que investigou os efeitos humanizantes do toque. Segundo tais relatos, durante o século XX, muitos bebês morriam em seu primeiro ano de vida de uma doença denominada *marasmus*, que significa definhar. Isso ocorria porque os bebês que viviam em instituições não recebiam o toque, o olhar, o acolhimento e o afeto necessários à sua sobrevivência. Após a Segunda Guerra Mundial, ficou evidente que os bebês de lares mais pobres, em que as mães destinavam mais atenção aos cuidados físicos e ao toque amoroso, cresciam mais saudáveis.

Costa (2006) também apresenta uma pesquisa realizada por Mary Carlson, neurobiologista, a qual revelou que a falta de afeto e contato físico atrapalha o

crescimento infantil. De acordo com tal pesquisa, a ausência de toques afetuosos pode levar ao desequilíbrio dos níveis de cortisol, interferindo, entre outras coisas, na liberação do HGH, o hormônio de crescimento. Por outro lado, os contatos afetivos ajudam a aliviar dores, depressão, ansiedade, diminuem os hormônios do estresse, liberam endorfinas no nosso corpo, especialmente a dopamina, que é encarregada de causar bem-estar geral e sentimentos de felicidade, entre outros benefícios. Ferreira & Callado (2013, p. 117) garantem que “Receber um abraço é tão vital para a criança quanto ter que comer e beber”. Por esse motivo, afirmamos que tanto a presença quanto a ausência do toque físico podem significar muito para a relação entre os bebês e suas educadoras.

A comunicação verbal e não verbal entre bebês e educadoras

A palavra comunicar, que vem do latim *comunicare*, significa tornar comum, estar em relação com alguém. Ou seja, a comunicação nada mais é do que um ato de preservação do contato com o outro. Podemos nos comunicar de forma verbal, utilizando as palavras através da fala e da escrita, ou não verbal, a partir dos nossos comportamentos, olhares, silêncios, gestos e toques. É através da comunicação, verbal ou não verbal, que nos relacionamos com quem está ao nosso redor. A função da informação é secundária, visto que o mais importante é a formação do elo com os outros.

De acordo com Wanderley et al (2020), os bebês já nascem dotados de uma capacidade de buscar interação e comunicação com os outros, podendo, portanto, convocar e chamar a atenção de suas educadoras de forma ativa. Assim, consideramos os bebês como sujeitos relacionais, uma vez que eles afetam suas educadoras e também são afetados por elas, além de possuírem habilidade para iniciar contatos, desenvolver interações e sustentar encontros. Dessa maneira, entendemos que, através dos comportamentos de apego, como chorar, balbuciar, sorrir ou agarrar-se, por exemplo, os bebês podem comunicar suas necessidades de aproximação e de contato.

Quando consideramos as creches como contextos de aprendizagens sociais, percebemos como “É importante que se instaure entre o cuidador e o recém-nascido, um diálogo não verbal, no qual ambos trocam mutuamente

confiança e confirmação afetiva” (FERREIRA & CALLADO, 2013, p. 118). Uma vez que os bebês se expressam de outros modos e ainda não dominam a fala, sua principal forma de comunicação com o outro é através do próprio corpo. Dessa forma, podemos enfatizar a importância do diálogo tônico para o desenvolvimento dos pequenos. Para Henri Wallon, esse é o primeiro estágio da comunicação, no qual bebês e educadoras interagem e dialogam por meio de suas reações corporais.

Segundo o autor (WALLON, 1968 *apud* COSTA, 2006, p. 27), “a emoção permite à criança nascer para a vida psíquica, pois a aproxima do outro e introduz desdobramentos que vão originar às estruturas da consciência”. Por isso, é necessário que as educadoras estejam constantemente atentas e sensíveis às manifestações dos pequenos, que se dão através do olhar, de gestos, de silêncios, de movimentos com o corpo e do toque físico, buscando dar sentido a cada uma delas. Sendo assim, Guimarães & Arenari (2018, p. 17) mencionam a importância da comunicação não verbal no cotidiano das creches:

a experiência educativa com os bebês é marcada pela sutileza das ações cotidianas - muitas vezes não percebidas na rotina diária, seja no toque, no olhar, na fala, na entonação da voz, na espera atenta ao momento do outro, na postura, na presença não invasiva, no encorajamento a experimentar o mundo e a construir autoconfiança.

Segundo as autoras, na ausência da fala para compartilhar suas sensações, é o meio em que o bebê está inserido que vai dando contornos às suas manifestações corporais emocionais. Em outras palavras, quando as educadoras presenciam e compartilham com os bebês esses momentos expressivos, é importante que elas respondam a isso através da fala, gestos, olhares e toques, dando sentidos a tais manifestações naquele contexto interativo. Por esse motivo, o toque físico é visto como uma forma primária de contato, conhecimento e comunicação entre os seres humanos, podendo ser considerado, de acordo com Machado & Winograd (2007, p. 471), como:

a forma precursora da linguagem, que vai sendo aprimorada com o tempo, passando para um registro simbólico. Ou seja, a relação “corpo-a-corpo” seria a primeira etapa de uma comunicação que irá amadurecer para se tornar uma comunicação verbal.

Por ter um papel tão importante, tanto no campo físico quanto psíquico, podemos assegurar que o contato corporal se torna um facilitador ou um complicador da comunicação e da criação de vínculos entre os bebês e suas educadoras. Além do mais, Bressani, Bosi & Lopes (2007) citam que a capacidade de nos comunicarmos está ligada à qualidade das nossas relações iniciais. Por isso, é essencial que as educadoras se mobilizem para criar relações saudáveis, afetuosas e respeitadas com os bebês, através de uma comunicação clara e aberta, que possibilite as trocas corporais entre elas e os pequenos.

Os cuidados corporais no contexto das creches

O cuidado permeia toda a nossa vida e medeia a nossa relação com o mundo. Cuidar envolve responsividade e diálogo, na medida em que ativamente acompanhamos o outro em seu desenvolvimento. Por esse motivo, acreditamos que os processos de cuidar e de educar devem ser vistos como indissociáveis, permeando todo o projeto pedagógico das creches e compartilhando tais ações com as famílias dos bebês. Guimarães & Arenari (2018, p. 7) descrevem que o cuidado, no cotidiano institucional:

relaciona-se à atenção ao que é singular, de cada criança; mas, ao mesmo tempo, à construção de um clima de grupo, ao planejamento do contexto espaço-temporal, à construção de relações significativas e encorajantes, através das quais o adulto contribui para a construção do bem-estar das crianças.

É evidente que os momentos de cuidados corporais se tornam espaços e tempos de partilha de experiências e respeito aos ritmos dos bebês, favorecendo a sua segurança, autonomia e a formação de vínculos mais significativos com suas educadoras, através de falas, gestos, silêncios, olhares e toques que fazem parte de tais momentos. No entanto, quando pensamos sobre o tempo ao longo da rotina institucional, observamos que os momentos dos cuidados corporais ocupam, no cotidiano das creches, um espaço considerável. Por isso, devemos refletir sobre a qualidade deste tempo, a intencionalidade pedagógica e o envolvimento das educadoras com os bebês em tais ocasiões, afinal “O ato de cuidar e atender às

necessidades básicas da criança exige que o adulto esteja atento e vinculado a ela” (BRESSANI, BOSI & LOPES, 2007, p. 31).

De acordo com Guimarães & Arenari (2018), os momentos de cuidados corporais devem ser vistos como possibilidades de contato, afeto e diálogo. É perceptível que os horários de alimentação, banho e sono propiciam o diálogo mobilizado pelo corpo e pela fala e a atenção compartilhada entre educadoras e bebês, favorecendo diversas trocas e manifestações afetivas. Para as autoras, tais momentos não cuidam apenas do corpo, mas também servem para nutrir as relações e as possibilidades de bem-estar dos bebês. O momento da alimentação, por exemplo, “é um processo de interação que extrapola o equilíbrio nutricional e promove também ganhos sociais, emocionais e comunicativos” (WANDERLEY et al., 2020, p. 39).

O ato de alimentar envolve o bebê, seu corpo, sua educadora e necessita de aspectos subjetivos e afetivos, tanto do bebê quanto da educadora que cuida dele. Além disso, esse momento é composto por um ritmo, comunicação e afeto de amor específicos. O ritmo implica na sensação de presença ou ausência da educadora e em sua responsividade às necessidades do bebê. Assim, vemos que o ritmo da educadora influencia o ritmo do organismo do bebê. Além disso, quando ela interpreta as manifestações do bebê como indicativos de fome ou saciedade, há um diálogo que abrange um pedido e uma resposta e a cena da alimentação se torna também uma cena de comunicação. Já o afeto de amor se refere à interpretação, pelo bebê, de que é amado à medida em que a educadora atende às suas demandas.

Sendo assim, percebemos a importância desses momentos serem tranquilos, seguros e prazerosos, proporcionando um contato mais próximo entre os bebês e as educadoras e possibilitando a participação dos pequenos em seus cuidados corporais. Por esse motivo, é essencial que as educadoras conversem com os bebês antes e durante os momentos de cuidado, mesmo que eles ainda não utilizem as palavras, informando-lhes o que vai ser feito antes de tocá-los ou pegá-los no colo, permitindo que se preparem para aquele gesto e se tornem sujeitos ativos nesse processo. Martins Filho (2016, p. 18) expõe que os bebês:

oferecem pistas aos adultos e possuem capacidade de intervir de forma ativa em todos os cuidados corporais e rotinas, desde que os adultos estabeleçam com elas uma comunicação sensível que as capacite a compreender sinais, gostos, sensações de prazer e desprazer.

O autor também destaca que o movimento de dialogar com os bebês e convidá-los a participar das atividades cotidianas da creche não é fácil, uma vez que as educadoras estão acostumadas a realizar tais atos de forma automatizada, muitas vezes não se atentando às necessidades dos pequenos naquele momento. Porém é algo que pode proporcionar ricas experiências, favorecendo o desenvolvimento saudável dos bebês e propiciando a criação de relações significativas entre eles e suas educadoras. Todavia, enfatizamos que as educadoras não precisam restringir o diálogo e o toque físico aos momentos de cuidados corporais, é essencial que elas adotem essas atitudes frequentemente, de acordo com as necessidades dos pequenos.

O vínculo entre bebês e educadoras

A palavra vínculo vem do latim *vinculum* e significa atadura, laço, aquilo que une. Costa (2006) destaca a obra de Wallon, a qual enfatiza a importância de relacionamentos saudáveis para a construção da personalidade dos indivíduos. Tal construção passa pela emoção e pelo afeto através, inclusive, do toque físico. Assim sendo, quando compreendemos que o objetivo da creche “é o de educar e cuidar, e de que as aprendizagens são fruto de processos de interação entre adultos e crianças e entre as próprias crianças” (TIRIBA, 2018, p. 104), enxergamos a necessidade das educadoras trabalharem para desenvolver vínculos saudáveis com os bebês. Tiriba (2018, p. 98) também menciona que “Se a qualidade das aprendizagens é proporcional à qualidade das interações, então as crianças aprenderão melhor quando estiverem mais felizes”. Por isso, acreditamos que é responsabilidade das creches oferecerem tempos e espaços que favoreçam essa sensação de realização, plenitude e inteireza entre corpo e espírito, afinal devemos nos lembrar de que:

não se educa só a mente e pela razão. O corpo é parte da educação. Mais do que isso, educar pelo corpo significa fazê-lo de modo integral, pois somos nosso corpo e pelo corpo nos conectamos ao mundo (TIRIBA, 2018, p. 15).

Em outras palavras, quando os bebês, desde cedo, experimentam a liberdade de movimentos, eles se tornam mais capazes de conhecer os limites e as possibilidades do seu corpo. É através das brincadeiras em conjunto, de circular pelos espaços e de explorar objetos, por exemplo, que o bebê se constitui psiquicamente e vai se apropriando do seu corpo na relação com os objetos e com os outros. As brincadeiras são uma das maneiras mais eficazes para propiciar, ao mesmo tempo, o vínculo entre os bebês e as educadoras e o desenvolvimento dos pequenos. Wanderley et al (2020) asseguram que algumas brincadeiras que envolvem o toque físico, como beijar os bebês, soprar ou “morder” partes do seu corpo, são experiências prazerosas que permitem que o bebê invista em seu corpo enquanto interage com a educadora.

Além disso, precisamos considerar que os bebês são sujeitos únicos, com vontades e capacidades para modificar tanto o ambiente em que vivem quanto as reações das pessoas ao seu redor e, desse modo, precisam ser respeitados e ouvidos em suas diversas manifestações. Martins Filho (2016), por reconhecer que os pensamentos e os sentimentos dos bebês são comunicados, muitas vezes, de maneira não verbal, através dos movimentos de seu corpo, afirma que os pequenos são capazes de decidir o que desejam ou não fazer, mesmo que ainda não falem. Por isso, é imprescindível que as educadoras se atentem aos comportamentos dos bebês, visto que essa é a forma pela qual eles se comunicam com os adultos e com seus pares, expressando seus sentimentos, vontades e necessidades.

Tiriba (2018) alega que “Considerar as vontades do corpo é fundamental porque as emoções oriundas do estado de conexão geram aprendizagens e orientam o desenvolvimento” (p. 45) e ainda alerta que negar o corpo é o mesmo que admitir que “a mente e a razão são superiores aos sentidos e à emoção, reproduzindo não só a dicotomia, mas a hierarquia nas relações” (p. 15). Portanto, devemos ter a consciência de que a vinculação entre os bebês e suas educadoras e o seu bem-estar emocional dependem do prazer que eles experimentam ao integrar os estímulos visuais, auditivos e táteis. Além disso, a palavra, o incentivo e o apoio

corporal da educadora são essenciais para que o corpo dos bebês se torne um veículo de prazer e descobertas para eles.

Por isso, é urgente que as educadoras estejam conectadas com os corpos dos bebês que cuidam-educam, de forma que possam desenvolver uma comunicação que ultrapasse os limites da fala e vivenciar relações cada vez mais afetivas. Assim, quando consideramos as creches como espaços de encontros, afetos, liberdade e expressão, entendemos que as educadoras precisam ser responsivas em relação às necessidades dos bebês e mais intencionais ao se expressarem através do toque físico. O afeto por meio do colo, do abraço, do beijo e de outras formas de contato corporal se tornam essenciais nessa relação, não apenas nos momentos de cuidado, mas frequentemente, fazendo com que os pequenos se sintam seguros, aceitos, amados e se desenvolvam de maneira satisfatória.

2. REFLEXÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA EM UMA CRECHE CONVENIADA DO MUNICÍPIO DE JUIZ DE FORA

No tópico anterior, a partir do levantamento bibliográfico, dialoguei com autores e autoras que discutem a importância do vínculo afetivo e da interação responsiva como subsídios para a constituição da subjetividade e do psiquismo humano. Ancorados na perspectiva de que a linguagem, no seu sentido amplo, possibilita o sujeito da palavra, a partir dos gestos, silêncios e afetividade, os pesquisadores e pesquisadoras afirmam a importância dos primeiros anos da vida do ser humano e a construção de laços afetivos, que se inicia no contexto familiar e, posteriormente, em contextos coletivos de aprendizagem. Com base nisso, retomei as notas de campo do Pibid e iniciei um processo de reflexão sobre as vivências na creche, a partir da minha experiência como bolsista de iniciação à docência. Tomada pelas questões levantadas neste trabalho, busquei refletir sobre as necessidades afetivas dos bebês e crianças pequenas, nos momentos de ausência e presença dos contatos e da construção de vínculos afetivos na rotina da instituição, além de como as educadoras possibilitam a construção de relações afetivas com os bebês e as crianças.

A observação de que os bebês tinham mais facilidade para se aproximarem de algumas educadoras do que de outras foi algo que despertou minha curiosidade desde o início da minha caminhada no Pibid. Durante as primeiras semanas na creche, fiquei acompanhando uma turma de berçário. Em uma manhã, enquanto os bebês brincavam na sala de atividades, Miguel¹ caiu e machucou a boca. Eu e a educadora Diane vimos a cena, chamamos o menino, que quis vir para o meu colo, e o socorremos. Distante da cena, percebi que fiquei surpresa na medida em que aquele bebê estava se habituando comigo e tinha mais familiaridade com a educadora. Desde então, essa situação ficou na minha mente e confesso que fiquei tão incomodada com o acontecido que levei o relato para a reunião do grupo. Quando a coordenadora Núbia me perguntou o que eu havia sentido quando Miguel se machucou e veio correndo em minha direção, eu não soube o que responder e só conseguia chorar.

¹ Nome fictício para preservar a identidade do bebê, uma vez que os familiares deram autorização para a realização do trabalho, mas não os bebês e as crianças.

Na verdade, eu queria entender o motivo de Miguel ter ido para o meu colo ao invés do de Diane. Para mim, isso não fazia sentido, uma vez que o menino só tinha me visto umas três vezes, enquanto Diane já estava com a turma há meses. Na época, eu gostaria de descobrir o que o havia feito me escolher: Miguel havia vindo até mim simplesmente pela sua necessidade de receber cuidado naquele momento, não importava de quem? Ele havia percebido maior disponibilidade em lhe dar afeto através do meu contato corporal? Ou existia algo da nossa relação, recém estabelecida, que o fazia se sentir seguro em correr para meus braços quando precisasse? Se assim fosse, quais eram os comportamentos, gestos, olhares ou palavras percebidas pelo bebê?

Em outro momento do cotidiano institucional, já inserida em outra turma de berçário, em determinada manhã, eu e as educadoras percebemos que Bernardo² estava mais emotivo do que de costume. O menino chorava muito quando ouvia sons de automóveis passando pela rua ou de pessoas falando em um tom mais alto, porém não entendemos os motivos do choro. Naquela manhã, os outros bebês brincaram no solário, enquanto Bernardo ficou no meu colo praticamente o tempo todo, pois parecia estar com medo e essa foi a forma que encontrei para acalmá-lo um pouco. Ao retornarmos para a sala de atividades, eu e a educadora Inês dividimos as crianças para darmos banho. Inês disse que deixaria Bernardo comigo, já que ele havia gostado de mim, e esse foi o primeiro banho que dei em um dos meninos da creche. Acredito que, a partir desse dia, devido à sensibilidade da educadora, que percebeu o afeto que surgiu através de um gesto tão simples, houve uma mudança significativa na minha relação, não só com Bernardo, mas com todos os outros meninos da turma. Um tempo depois, após outros acontecimentos, consegui entender o motivo da minha admiração pela relação de Inês com seus bebês.

Outra situação que me chamou a atenção descrevo a seguir: os bebês dos dois berçários estavam brincando no jardim, na entrada da creche. Eu me encontrava perto dos canteiros, observando suas interações, quando a educadora Laura deixou Ana Júlia³, uma das bebês que ainda não estava totalmente acostumada com o espaço da creche, perto de mim. Me sentei junto com Ana Júlia

² Nome fictício.

³ Nome fictício.

em um dos canteiros e, de repente, senti a mão da menina em minha perna. Entendi que, naquele momento, esse contato era o que ela precisava para se sentir mais segura no ambiente e pensei que, se a educadora estivesse mais atenta a essa necessidade, talvez a bebê pudesse ter se adaptado à rotina da creche com mais facilidade. A situação me fez pensar nas condições de trabalho das educadoras na creche. Eram horas de trabalho extenuante, numa rotina a ser cumprida sem muito tempo para o descanso e com a responsabilidade de cuidar-educar todos os bebês daquela turma. Conclui-se, então, que as condições materiais não são as mais adequadas considerando a remuneração, a carga horária e a desvalorização social da profissão: educadora de creche.

Projeto “O que tem no meu jardim?”

O projeto “O que tem no meu jardim?” foi elaborado durante a minha experiência no Pibid, a partir do olhar atento às manifestações dos bebês da turma de berçário em que fiquei inserida. Com o objetivo de proporcionar o brincar livre em contato com elementos da natureza, o projeto contou com quatro atividades: confecção da tinta de terra; pintura de um tecido com a tinta de terra; pintura de uma parte do muro, na entrada da creche, com a tinta de terra; e banho de lama. A primeira atividade do projeto, confecção da tinta de terra, foi realizada dentro da sala de atividades. Depois de finalizada, eu estava agachada, limpando a bagunça feita no espaço, quando Davi⁴ chegou por trás de mim e me deu um abraço. A partir disso, refleti sobre o poder que o contato físico tem para os bebês e no quanto um simples toque pode falar, pois, através daquele abraço, entendi que Davi desejava me comunicar o quanto a atividade havia sido significativa para ele. Como Martins Filho (2016, p. 19) menciona, os bebês e crianças utilizam o “tato como emoção, pois, pelo toque das mãos, mantemos contatos que a linguagem verbal não consegue alcançar”. Acredito que, se Davi tivesse me agradecido pela atividade com suas mais belas palavras, não teria significado tanto para mim quanto o seu abraço.

Depois de iniciarmos as atividades do projeto “O que tem no meu jardim?”, todas as vezes que eu chegava na creche, os bebês da turma passaram a ir ao meu encontro para me receber com abraços. Tal situação sempre acontecia com a

⁴ Nome fictício.

educadora Inês, algo que eu achava muito bonito, porém, quando passou a ocorrer comigo também, me questioneei o motivo disso e refleti sobre a relação que eu havia construído com aqueles bebês. Reconheci que, desde que entrei na creche, sempre permiti que os bebês se aproximassem de mim quando tinham essa necessidade, buscando atender aos seus pedidos de colo, carinho, segurança e cuidados corporais. Portanto, havíamos construído uma relação pautada no afeto, que era expresso, predominantemente, através do toque físico. Aliás, essa relação se intensificou após o projeto, pois, mesmo depois de ele ter finalizado, quando eu chegava na creche e os bebês corriam para me cumprimentar, eu podia entender, pelas suas expressões, que eles estavam esperando que eu levasse mais uma atividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar o trabalho de conclusão de curso percebo as inúmeras contribuições proporcionadas por ele e pelo meu ingresso no Pibid. Certamente, a minha formação foi bastante atravessada pelas experiências vivenciadas no âmbito da creche e do grupo de trabalho, durante as reuniões de reflexão com as bolsistas, supervisão e coordenação. Assim, este trabalho contribui para pensarmos sobre a qualidade das interações nas creches. Entendemos que esse ambiente deve potencializar uma relação de confiança e segurança entre os bebês e suas educadoras, com o objetivo de fortalecer a autonomia dos pequenos. Pude compreender que a creche é um lugar permeado por inúmeras emoções, contradições e bastante importante para os bebês e as crianças na tarefa de constituição do psiquismo humano. Isso ocorre em diálogo frequente e necessário com as famílias.

Considera-se que a rotina, no ambiente institucional, precisa visar a construção de sentidos, de trocas, de experiências e de narrativas de vida, para que se desenvolvam relações saudáveis entre todos os sujeitos que compartilham tais tempos e espaços. Para isso, asseguro que a formação das educadoras é importante. Mas, para além disso, a sua disposição para o encontro com o outro é fundamental na tarefa de cuidar-educar os pequenos. A partir deste trabalho, pude construir a ideia da importância do corpo como aliado da prática docente na Educação Infantil. Corpo concreto e simbólico, que se manifesta nas palavras, nos silêncios, nos gestos, no choro, no riso, nas múltiplas linguagens. É através do corpo, entendido como um espaço afetivo de interação, que educadoras e bebês vão se constituindo subjetivamente, a partir da troca de toques físicos e de cuidados, tão essenciais para o desenvolvimento na primeira infância.

O cuidado pode ser visto como uma ação relacional entre adultos e bebês, uma postura ética, de escuta, de responsabilidade, de resposta, de diálogo e de atenção ao outro, além de uma forma de viver junto, de acompanhar o bebê e de afeto, no sentido de afetá-lo e se permitir ser afetado. Em outras palavras, os momentos de cuidados e de trocas corporais criam a possibilidade de humanização dos bebês, à medida que interagimos com eles de modo atencioso e afetivo, observando suas necessidades e buscando ser responsivas a elas. Considero, a

partir da escrita deste texto, que aprofundar os estudos sobre o tema do vínculo afetivo, a relação entre bebês e educadoras no contexto da creche é extremamente importante. A experiência de realizar este trabalho me enriqueceu de diversas formas, propiciando considerações sobre como observamos os bebês, como planejamos as rotinas e experiências com eles, como refletimos durante nossas ações com os pequenos, e se temos nos portado realmente de forma crítica, presente e envolvida com as necessidades dos bebês dos quais cuidamos-educamos.

REFERÊNCIAS

BRESSANI, M. C. L.; BOSI, C. A.; LOPES, R. S. A responsividade educadora-bebê em um berçário: um estudo exploratório. *Rev Bras Crescimento Desenvol Hum.* 2007; 17(3): 21-36.

COSTA, C. M. S. A importância do afeto através do toque no desenvolvimento cognitivo dos bebês. Rio de Janeiro, 2006.

CRESPIN, G. À escuta de crianças na Educação Infantil. São Paulo: Instituto Langage, 2016.

FERREIRA, F. R. & CALLADO, L. M. O afeto do toque: os benefícios fisiológicos desencadeados nos recém-nascidos. *Revista de Medicina e Saúde de Brasília.* 2013; 2(2): 112-9.

GUIMARÃES, D. & ARENARI, R. Na creche, cuidados corporais, afetividade e dialogia. *Educação em Revista.* Belo Horizonte. 2018.

MACHADO, R. N. & WINOGRAD, M. A importância das experiências táteis na organização psíquica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, v. 7, n. 3, p. 462-476, dez. 2007.*

MARTINS FILHO, A. J. Educar na creche: uma prática construída com os bebês e para os bebês. Porto Alegre: Mediação, 2016.

SANTOS, N. A. S.; SCHAPPER, I.; STIGERT, V. A. O cuidado como ética e a ética do cuidado a partir de uma situação de recusa alimentar do bebê na creche. *Concilium, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 341-348, 2022. DOI: 10.53660/CLM-146-162.* Disponível em: <https://clium.org/index.php/edicoes/article/view/146>. Acesso em: 16 ago. 2022.

SILVA, R. C. & VAZ, R. M. M. Toque-me, mas não me toque. *Revista Latino-Americana de Psicologia Corporal.* Ano 3, No. 5, Junho/2016.

TIRIBA, L. Educação Infantil como direito e alegria. 1ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

WANDERLEY, D. B. et al. Sua Majestade, o Bebê! Ano I. Nº 01. Salvador. Setembro, 2020.